

HUNGRIA, A TERRA DOS MAGIARES

VASCO OLIVEIRA E CUNHA

Vice-Presidente do ISPV

O povo húngaro comemorou em 1996 os 1100 anos da fundação do seu Estado. Durante um ano, actos públicos, conferências, congressos, exposições, espectáculos populares, etc., preencheram o quotidiano de uma nação com uma história plena de convulsões profundas mas que conseguiu uma cultura própria na integração de influências tão díspares como as que até à Hungria chegaram do leste e do ocidente.

Associando-se a estas comemorações, a EAIE (European Association for International Education) realizou a sua 8ª Conferência Anual em Budapeste entre 4 e 7 de Dezembro. Tema aglutinador - "On Equal Terms" -, a perspectiva de uma cooperação igualitária entre os países da UE e os da Europa Central e Oriental que recuperaram a independência política a partir de 1989.

Abordaremos aspectos essenciais da conferência de Budapeste num dos próximos números de *Millenium*, dando especial destaque a uma temática que tem constituído preocupação quase permanente desta revista - a avaliação da qualidade da formação no ensino superior -, agora no âmbito específico da internacionalização da educação.

No presente número, e como pano de fundo para a leitura de dois artigos sobre o ensino superior húngaro, deixam-se apenas alguns dados sobre a terra dos Magiares, as suas gentes e uma cultura rica construída ao longo de onze séculos.

1. A terra e os seus recursos

Muitas vezes descrita como um país plano, a Hungria está rodeada pelos Alpes, a ocidente, e pelos Cárpatos, a norte e a leste.

O rio Danúbio, que faz fronteira parcial com a República Eslovaca, corre para sul, para a Jugoslávia, dividindo o país em duas regiões: para leste, a Grande Planície Húngara (Nagyalföld); para norte, as terras altas distribuindo-se ao longo da fronteira desde a garganta do rio em Esztergom, e que incluem

as montanhas Bukk e Mátra, situando-se nestas últimas o monte Ke'kes, ponto mais elevado do país (1015m).

A área a oeste do Danúbio, conhecida por Transdanúbia, apresenta formas de solo variadas. A sul, os montes Mecsek, e a norte, os montes Bakony de onde se pode observar o Balaton, o maior lago de água doce da Europa Central, qualificado localmente de 'Mar dos Húngaros'. O pequeno Alföld (Pequena Planície) no extremo noroeste estende-se para dentro da República Eslovaca.

De acordo com dados de 1989, 18% do solo encontra-se florestado sendo o carvalho uma das espécies dominantes. No solo negro das terras dedicadas à agricultura, cultivam-se forragens, trigo, milho, batata, beterraba, sendo também abundantes os pomares. A criação de gado, nomeadamente de bovinos e de cavalos, é outro recurso importante do país.

2. A população e as cidades

Com cerca de onze milhões de habitantes, 97% dos quais são Magiares, decendentes de tribos FinoÚgricas e Turcas que se misturaram com tribos Avar e Eslavas na Hungria do séc. IX A.D., e 3% constituídos por minorias étnicas (alemães, eslovacos, croatas e romenos), 3/5 da população vive em zonas urbanas, em pequenas cidades rurais como Kecskemét, Hódmezövásárhely, e em grandes aglomerados industriais e comerciais de que se destacam:

- . Budapest (2,5 milhões) capital cultural e económica, centro industrial diversificado em que a construção naval e a metalo-mecânica têm lugar dominante;
- . Debrecen (220.000) no leste do país, centro agrícola e comercial;
- . Miskolc (212.000), no nordeste, no rio Tisza, a segunda via fluvial da Hungria, perto das fronteiras com a Roménia e com a Jugoslávia, principal centro da indústria química do país;
- . Pécs (185.000), no sul, com a manufactura como principal actividade industrial.

3. Alguns traços culturais relevantes

Os antigos Magiares tinham uma cultura pagã com motivos e ritos do leste europeu baseados em contos e na arte e música populares.

Com a conversão húngara ao cristianismo no séc. X os elementos culturais tradicionais foram substituídos pelos Padrões do ocidente e o latim tornou-se a língua oficial e literária.

Dos Séc. XV ao XX a Hungria foi muitas vezes considerada o "bastião protector da civilização ocidental". Exemplos concretos desta qualificação, a introdução, durante o Séc. XV, da Renascença Humanista por artistas e intelectuais italianos; a substituição do latim pelo vernáculo no séc. XVI, durante a Reforma; a absorção, nos séc. XVIII e XIX, do Iluminismo francês e do Liberalismo ocidental.

No início do séc. XX os intelectuais húngaros tentaram a compatibilização de elementos culturais húngaros com a moderna cultura ocidental.

Depois da II Guerra Mundial a vida cultural húngara foi dominada por padrões soviéticos, uma situação que se manteve até 1989, data em que a Hungria recuperou a sua independência política.

///

A escolaridade é obrigatória para a faixa etária dos 6 aos 14 anos - escola primária -, sendo precedida da frequência generalizada em jardins de infância a partir dos três anos de idade. O ensino secundário e o superior são grandemente subsidiados pelo Estado. O primeiro, distribui-se por Ginásios, com preparação académica bilingue, por Escolas Técnicas e por Escolas Profissionais diversificadas. No que se refere ao ensino superior, poderão os leitores de *Millenium* encontrar uma informação mais detalhada nos dois artigos seguintes, o primeiro dos quais da autoria do actual Secretário de Estado do Ensino Superior da Hungria, Professor-Doutor László Dinya, a quem esta publicação fica extremamente grata pela oferta e pela colaboração.

///

Num país quase isento de analfabetismo e com um nível cultural elevado, o número de bibliotecas públicas é superior a cinco mil. De entre elas deverão salienta-se aqui a Biblioteca Nacional Széchényi,

fundada em Budapeste em 1802, com cerca de dois milhões e meio de volumes e mais de quatro milhões de outros documentos; Os Arquivos Nacionais, também em Budapeste, e a Biblioteca do Parlamento.

Em toda a Hungria existem mais de cem museus públicos. De entre os que se situam na capital, merecem referência especial o Museu Nacional, o Museu Nacional Húngaro de História Natural e o Museu Húngaro de Belas Artes.

///

Com a introdução do Cristianismo a música sacra do ocidente penetrou na Hungria, sobretudo com os cantos gregorianos e, posteriormente, com os corais da Reforma protestante. A música secular manteve-se sempre mais influenciada pelos estilos do leste europeu; pelos ciganos, vindos da Índia, que introduziram um estilo vocal próprio no séc. XV; pela harmonia oriental dos turcos, que ocuparam o país nos séc. XVI e XVII.

Durante os séc. XVII e XVIII, nas cortes principescas, havia companhias de ópera e orquestras com muitos músicos estrangeiros. De entre eles, destaca-se o nome de Joseph Haydn, que trabalhou durante trinta anos para uma família nobre de Budapeste.

No séc. XIX os compositores mais notáveis foram Franz Liszt e Ferenc Erkel. O primeiro, embora nascido no país, viveu a maior parte da sua vida no estrangeiro; Erkel foi o autor do Hino Nacional e também da primeira ópera húngara.

Só no séc. XX a música nativa começou a ter aceitação nacional, invertendo a tradição anterior quase totalmente dominada pela música alemã. Figuras mais notáveis, Béla Bartok (1881-1945) e Zóltan Kodály (1882-1967). Foi fundamental o seu trabalho de recolha de canções populares, criando uma música húngara viva, dada a conhecer no ocidente por Harsányi e Lajtha, entre outros.

No final dos anos cinquenta, contudo, alguns jovens compositores húngaros começaram a rejeitar este estilo "folk" e a explorar abordagens mais recentes na composição.

///

No âmbito literário, e apenas no que se refere ao séc. XX, assinalam-se os nomes e as obras mais significativas produzidas, sendo justo que se faça uma menção da revista literária "Nyugat" (Ocidente), fundada em 1908.

Grandes poetas do início do século, Endre Ady (1877-1919), Mihály Babits (1883-1941), Deszö Kosztolányi (1885-1936).

Zsigmond Móricz (1879-1942) é geralmente considerado o maior romancista húngaro: "Gold Nugget" (1910), "Butterfly" (1925), as trilogias históricas "Transylvania" (1935) e "Rósza Sandor" (1940) são as suas obras mais conhecidas.

Nos anos que se seguiram à I Guerra Mundial, e na poesia, Lőrincz Szabó (1900-1957), um subtil lírico individualista, Gyula Illyés (1902-1937), ensaísta e biógrafo; Attila József (1905-1937), cuja poesia combina o antigo folclore húngaro e elementos da moderna psicologia; e Miklós Radnóti (1909-1944), um poeta elegíaco assassinado por nazis húngaros, são figuras dominantes.

Na prosa, destaque para Lajos Ziláhy (1891-1974), dramaturgo e autor do romance épico "The Dukays", talvez a melhor descrição da Hungria pré-conflito mundial; para Tibor Dery (1894-1977), antigo ex-comunista e um dos líderes da revolução de 1956 contra o regime, conhecido sobretudo pelas suas duas obras mais fundamentais - "The Unfinished Sentence" (1946) e "Niki" (1956); para László Németh (1901-1975), com o seu romance "Revulsion" (1947).

Remetemos os nossos leitores eventualmente interessados no conhecimento da actual prosa literária húngara para a edição em língua francesa de "Auteurs Hongrois d'aujourd'hui", uma antologia de textos de trinta escritores dirigida e apresentada por Thomas Szende, editada por IN FINE em 1996 com apoio da Fundação Milán Füst, do Ministério da Cultura da República da Hungria, da Comissão Europeia de Bruxelas (Direcção-Geral de Acção Cultural) e do Instituto Francês de Budapeste.

"Eterna Moment", título dado a uma selecção de poemas de Sándor Weöres (1913-) editada pela Anvil Press Poetry em 1988, dar-lhe-á a conhecer uma personalidade ímpar na cultura húngara contemporânea, um autor preocupado com o lugar do homem no mundo e no cosmos que considera Karl Kerényi, professor de estudos clássicos na Universidade de Pécs, onde Weöres iniciou o seu curso superior em 1933, Béla Hamvas, filósofo e romancista com quem o poeta privou a partir de 1944, e

Lajos Fülep, filósofo e historiador de arte, igualmente professor em Pécs e, posteriormente no Colégio Eötvös de Budapeste, as três influências decisivas na sua obra.

Não resistimos à tentação de lhes recomendar "An Encounter with no one" e "The lost parasol", extraídos de "Orbis Pictus" e "Queen Tatavane", extraído de "Orpheus".

FONTES

. DUBY, GEORGES - Atlas Histórico Mundial. Madrid: Editorial Debate, s/data. Tradução do original francês - Atlas Historique -, Librairie Larousse, 1987.

. Grand Larousse Encyclopédique (Tome cinquième): Paris: Librairie Larousse, 1962.

. Auteurs Hongrois d'Auiourd'hui. Anthologie dirigée et présentée par Thomas Szende. Paris: IN FINE, 1996.

. WEÖRES, SÁNDOR. Eternal Moment. London. Anvil Press Poetry Ltd, 1988.